



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS NOTÍCIAS E REPORTAGENS SOBRE AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: uma perspectiva no jornalismo ambiental na web¹

José Uendel Souza da Costa – Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Considerando o contexto de emergência climática, este trabalho parte do cenário de ampliação de desigualdades de gênero nas mudanças climáticas e do papel da imprensa na elevação desta pauta na sociedade. Este trabalho, com o objetivo de analisar a representação de mulheres em notícias e reportagens que pautam as mudanças climáticas, utiliza uma adaptação da metodologia do Global Media Monitoring Project (GMMP) em notícias e reportagens do InfoAmazônia e ((o))eco. A pesquisa apontou em sua análise que nenhum dos materiais fez referência a legislação ou políticas de igualdade de gênero ou destacou questões relacionadas com a desigualdade entre mulheres. Alguns resultados reforçaram a disparidade de gênero nas representações das mulheres. A criação das notícias por profissionais mulheres se destacou para abordagens que desafiam os estereótipos de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Mudanças climáticas; Jornalismo ambiental.

1 INTRODUÇÃO

Pelo mundo, a passagem do tempo tem sido cada vez mais marcada por eventos climáticos, que aumentam em dimensão de impacto e frequência, reforçando um alerta sobre as mudanças climáticas que cientistas advertem há muito tempo. O último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) divulgado em 2023 ressaltou a urgência da realização de ações para garantir um futuro sustentável e habitável para a população mundial. No cenário brasileiro, o estudo ‘Panorama dos desastres no Brasil - 2013 a 2024’ da Confederação Nacional de Municípios (CNM), que utilizou dados coletados pelas defesas civis municipais, estaduais e pelo Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional (MIDR), informou que, entre este período, um total de 5.279 municípios brasileiros foram afetados por desastres, resultando em 70.361 registros de decretação de Situação de Emergência (SE) ou Estado de Calamidade Pública (ECP). Desde o ano inicial do estudo, 2013, 95% dos municípios do país já foram atingidos ao menos uma vez por algum tipo de desastre.

Apesar de os eventos climáticos atingirem todas as pessoas, os impactos não possuem as mesmas proporções. Diversos fatores, como os geográficos, socioeconômicos, de raça, gênero, dentre

¹ Trabalho apresentado no GT5 – Ações comunicacionais comunitárias protagonizadas por populações sub-representadas como alternativas às crises climáticas para a Cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

outros, determinam um público mais vulnerável às mudanças climáticas. Concentrando-se aqui, na perspectiva de gênero, a organização não governamental *Plan International* realizou um estudo em oito países (incluindo o Brasil) que revelou que as mudanças impostas pela crise climática aprofundam as desigualdades de gênero.

O relatório "Mudanças Climáticas e Educação de Meninas: Barreiras, Normas de Gênero e Caminhos para a Resiliência" indica que a intensificação das desigualdades de gênero ocorre principalmente pelo aumento nas responsabilidades domésticas, redução do tempo de estudo, agravamento das dificuldades financeiras, maiores riscos de violência e aumento de casamentos e uniões infantis, além de oportunidades econômicas reduzidas. No mesmo caminho, o relatório "Clima Injusto" de uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) também aponta que a desigualdade de gênero impacta de forma mais intensa a capacidade de adaptação das mulheres do campo às alterações climáticas e potencializa os seus prejuízos financeiros. O estudo compreende que as mulheres assumem mais atividades domésticas e de cuidado de pessoas, e esse encargo limita as oportunidades de estudo e emprego das mulheres. Considerando aqui que as mudanças climáticas condicionam a uma dedicação maior a essas atividades.

Nesta perspectiva, este trabalho parte da seguinte problemática: como as mulheres têm sido representadas em notícias e reportagens que pautam as mudanças climáticas? Para essa investigação, foi utilizado como objeto de pesquisa o recorte de notícias e reportagens de veículos de comunicação hospedados na internet. Assim, a pesquisa é norteadada pelo objetivo de analisar a representação de mulheres em notícias e reportagens que pautam as mudanças climáticas. Para isto, foi necessário levantar e categorizar dados sobre a representação de mulheres em materiais jornalísticos, além de analisar e indicar características em comum dos materiais categorizados. Os procedimentos utilizados estão descritos no tópico a seguir.

2 METODOLOGIA

Foi utilizada uma adaptação da metodologia de pesquisa longitudinal performada no projeto *Global Media Monitoring Project* (GMMP)² desde 1995. Por se tratar de um projeto de pesquisa que a cada cinco anos realiza coleta de dados em diversos países em diferentes veículos de comunicação de diferentes mídias em que a pesquisa é realizada, foram realizadas as adaptações nos procedimentos referentes às edições dos anos de 2020 e 2025, descritas a seguir.

A primeira adaptação na metodologia foi na coleta dos materiais jornalísticos: foi realizada a coleta de notícias e reportagens em veículos de comunicação exclusivamente da web: InfoAmazônia

² "O Projeto Global de Monitoramento da Mídia é o maior e mais longo estudo longitudinal sobre o gênero na mídia mundial. É também a maior iniciativa de defesa do mundo sobre a mudança da representação das mulheres nos meios de comunicação social" (tradução nossa, GMMP, s.d.).

e ((o))eco, diferente da metodologia original que analisa materiais de diferentes mídias. Os portais foram escolhidos a partir das suas autodeclarações como portais especializados em jornalismo ambiental. A razão da seleção desta tipificação dos veículos ocorreu pela especificação da análise de notícias e reportagens que pautaram as mudanças climáticas. Mesmo que outros tipos de veículos, como os noticiários diários/hard news, também pautem essa temática, parte-se da ideia de que a cobertura das mudanças climáticas nos veículos especializados é mais consistente.

Ainda no levantamento do material analisado, foi delimitado o recorte temporal do ano de 2023. Além disso, foram analisados nestes materiais o título e o resumo dos materiais (também chamado de linha fina nos jargões jornalísticos). Para a fase seguinte da pesquisa, foram selecionados apenas os materiais em que constavam a utilização das palavras-chave: ‘mudanças climáticas’, ‘mudança climática’, ‘realidade climática’, ‘emergência climática’, ‘emergências climáticas’, ‘crise climática’, ‘metas climáticas’, ‘meta climática’, ‘alterações climáticas’ e ‘alteração climática’. Os termos foram definidos a partir da compreensão de que essas expressões constituem-se como variedades de termos para se referir às mudanças climáticas. Chegou-se à quantidade de 18 materiais do InfoAmazônia e 30 do ((o))eco. Por meio de uma escolha aleatória, passaram para a fase seguinte cinco materiais de cada veículo, resultando em 10 reportagens analisadas.

Quadro 1 - Título de reportagens analisadas.

NOTÍCIAS/REPORTAGENS ANALISADAS	
InfoAmazônia	((o))eco
‘Pseudociência intencional’: o método da extrema-direita para fazer você acreditar que mudanças climáticas não existem	IPCC poderá ser presidido por brasileira
Árvores das regiões oeste e sul da Amazônia têm menos chance de sobreviver a longos períodos de seca	Litoral de SP: as diferentes camadas da tragédia e porque ela pode se repetir
Empresas colombianas ignoram Funai e leis brasileiras em projetos de carbono na Amazônia	Para sobreviver às mudanças do clima, lebres-de-cauda branca podem se tornar castanhas
Deputada ruralista defende passe livre de emissões para o agronegócio em mesa sobre mercado de carbono na COP28	População local é chave para regenerar mangues
Indígenas têm maior participação de todas as COPs, e agora querem estar nas mesas de negociação	Restingas tomadas por plantas exóticas resistem menos a efeitos da crise climática

Fonte: Elaborado pelo autor.

Posteriormente, os materiais foram submetidos a uma planilha de codificação (também chamada na metodologia de grelha) que verificou diferentes variáveis das notícias e reportagens. As variáveis buscaram analisar diferentes aspectos dos materiais. Seguindo a metodologia do GMMP, os questionamentos são para verificar a incorporação da representação feminina nos materiais, mas aqui acrescentam-se adaptações para esta pesquisa, removendo variáveis que não seguiam o formato desta pesquisa.

Nesta composição, além das questões que permitem a quantificação em dados, algumas notícias e reportagens foram escolhidas para uma análise mais aprofundada, a partir da avaliação de que tais materiais representam um reforço ou questionamento dos estereótipos de gênero (Noronha, Lago, Terenzzo, 2023). Assim, a metodologia do GMMP foi adaptada para este trabalho com o objetivo de estudar como as notícias e reportagens pautadas sobre as mudanças climáticas trazem a representação da mulher neste período temporal e nestes tipos de veículos de comunicação da web. Esta é uma pesquisa do tipo descritiva com abordagem quali quantitativa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

As mídias representam um espaço essencial para transmitir informações e contribuir com a formação da consciência política dos cidadãos, mesmo que isto não signifique uma garantia democrática ou exercício de cidadania. Ainda considerando o vínculo empresarial e os interesses econômicos restritos a parte da população na história da imprensa.

Mesmo sob este contexto, Temer e Tondato (2009, p. 78) apontam o papel da imprensa para o “aparecimento de uma “opinião pública” e para o fortalecimento de esferas públicas ou espaços para debate popular, eventualmente formatando agendas de discussões ou dando visibilidade a questões antes acessíveis apenas aos membros do governo ou das elites governantes”. No mesmo sentido, Gasparetto (2014, p. 58) destaca a função da mídia “para a disputa de hegemonia na construção da democracia do país e o questionamento da indústria cultural”.

Dessa forma, as mídias (neste trabalho em circunstância de imprensa) por meio de suas representações possuem poder simbólico na percepção social de diferentes pautas, incluindo a de gênero e meio ambiente. Como a de promover ações que coloquem as dimensões das desigualdades que são intensificadas no contexto da emergência climática. Freitas (2010, p. 891) indica que as “relações de gênero e os desastres socioambientais são socialmente construídos sob a influência de fatores econômicos, políticos, culturais, sociais e sob condições geográficas complexas”, considerando as particularidades que os diferentes gêneros possuem a partir desses fatores.

Segundo Matos, Garcia e Santos (2023, p. 7), os reconhecimentos dessas ampliações de desigualdades entre homens e mulheres estão alinhados à teoria da justiça ambiental de gênero, que exige “intervenções políticas para diminuir essas disparidades”.

Nesse cenário, a “comunicação e o jornalismo comprometidos com a igualdade de gênero contribuem para que defensoras e organizações ambientais tenham cada vez mais reconhecimento, presença nos espaços de decisão e capacidade de atuação” (ONU, 2021). Considerando essa atuação da mídia, Freitas (2010, p.893) destaca que em desastres ambientais a imagem de mulheres e crianças é popularmente utilizada na representação do sofrimento “mas o que a mídia não mostra são as mulheres como uma parte vital dos esforços de resposta aos desastres, atuando dentro de seus papéis ou transcendendo-os”.

Kassova (2022) assinala a disparidade na representação de mulheres na mídia ao analisar que, apesar da maioria dos ativistas e influenciadores globais proeminentes em questões climáticas serem mulheres, essas vozes são minoria nas notícias. Ebrahim (2021) sinaliza que, mesmo num contexto de aumento de reportagens sobre meio ambiente e clima, jornais, revistas e mídia eletrônica possuem ampla ausência de voz de mulheres jornalistas. Apesar da presença das jornalistas nas redações, as mesmas não têm voz em suas reportagens. A fim de buscar uma avaliação sobre como as mulheres têm sido representadas nas narrativas das mudanças climáticas, foram estabelecidos procedimentos metodológicos que resultaram nos dados descritos a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das dez reportagens analisadas, nenhuma fez referência à legislação ou políticas de igualdade de gênero ou destacou questões relacionadas com a desigualdade entre mulheres e homens. Esse dado reforça os índices da falta de perspectiva de gênero ao tratar sobre pautas das mudanças climáticas. Apesar deste resultado, três reportagens apresentaram enfoque em uma mulher e em um grupo de mulheres: como foi o caso das reportagens do InfoAmazônia: ‘Deputada ruralista defende passe livre de emissões para o agronegócio em mesa sobre mercado de carbono na COP28’ e ‘Indígenas têm maior participação de todas as COPs, e agora querem estar nas mesas de negociação’ e também da notícia do ((o))eco: ‘IPCC poderá ser presidido por brasileira’. Essas reportagens apresentaram algumas características relevantes à discussão: as que destacam a figura de mulheres de forma positiva foram produzidas por jornalistas mulheres, enquanto a que destaca a figura de uma mulher negativamente na questão do clima foi escrita por um homem.

Além disso, as mesmas reportagens escritas por profissionais mulheres desafiaram estereótipos de gênero, enquanto a que foi escrita por um homem não apresentou tal aspecto. Mesmo assim, houve um certo equilíbrio entre a quantidade de homens e mulheres assinando

profissionalmente as reportagens: cinco homens e seis mulheres (nas 10 matérias, com apenas uma delas assinada por dois profissionais: um homem e uma mulher).

Outro resultado relevante foi observado na variável da ilustração de homens e mulheres citados nos materiais. A maioria das mulheres citadas não teve fotos apresentadas nas notícias, enquanto para os homens citados foi menos frequente a ausência de uma imagem para representá-los nos materiais. Mesmo assim, houve uma grande caracterização de mulheres ocupando o cargo de especialistas e/ou comentadoras nas reportagens. Na variável que analisa a ocupação empregatícia das mulheres, houve uma frequência maior da caracterização de mulheres como profissionais da ciência, porta-vozes do governo e ativistas ou trabalhadoras na organização da sociedade civil.

Da variável que identifica se há pessoas na condição de vítimas ou sobreviventes ou ambos, apenas uma pessoa citada foi identificada como vítima, um homem. Dados que fogem da tendência da representação de mulheres apenas nas condições de vítimas ou sobreviventes de desastres ambientais ou demais eventos climáticos. Apesar deste trabalho ter como enfoque um recorte de gênero, destacam-se aqui resultados ligados à raça, um fator que transversalmente atravessa o recorte de gênero, pois das 47 pessoas citadas nas reportagens, sendo 21 mulheres e 26 homens, apenas nove são racializadas e destas nove, oito são indígenas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto de reportagens analisadas, nenhuma fez referência a políticas ou legislação de igualdade de gênero, evidenciando a persistente ausência de uma perspectiva de gênero na pauta das mudanças climáticas. Apesar disto, três matérias destacaram mulheres ou coletivos femininos — duas no InfoAmazônia e uma no ((o))eco — nas quais observou-se o potencial das profissionais mulheres valorizarem o trabalho de outras mulheres no combate às mudanças climáticas.

O recorte de gênero dos profissionais também apresentou como estereótipos de gênero são ou não confrontados: as matérias escritas por mulheres potencialmente desafiaram essas narrativas, enquanto os textos de autoria masculina potencialmente permaneceram aquém desse aspecto. Na variável de representação visual, constata-se que, embora homens e mulheres sejam citados em números semelhantes, a ausência de fotografia foi mais recorrente nas menções femininas, reforçando vieses de visibilidade.

Dessa forma, apesar de dados que reforçam a disparidade de gênero nas representações midiáticas das mulheres, outro aspecto indicado apresenta as mulheres em postos de cientistas, porta-vozes governamentais e ativistas, desafiando estereótipos de gênero, atuando e fortalecendo suas representações na imprensa e em espaços de decisão no que se trata das questões ligadas ao meio ambiente. Mesmo apresentando uma perspectiva de como as mulheres têm sido representadas em notícias e reportagens que pautam as mudanças climáticas, este trabalho apresenta limitações pela

quantidade representada no corpus da pesquisa. Acredita-se que a aplicação dos procedimentos estabelecidos em um corpus mais amplo pode alterar os dados que apresentam a perspectiva da representação da mulher nessa temática.

Referências

FAO. The unjust climate – Measuring the impacts of climate change on rural poor, women and youth. Rome, Italy: FAO, 2024. 120 p.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; TONDATO, Marcia Perencin. Mídia e cidadania: uma relação na perspectiva histórica. *Inter-Ação: Revista da Faculdade de Educação da UFG, Goiânia*, v. 34, n. 1, p. 75-88, jan./jun. 2009.

FREITAS, Rosana de Carvalho Martinelli. A construção de uma agenda para as questões de gênero, desastres socioambientais e desenvolvimento. *Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 16, n. 3, p. 336, set./dez. 2010.

ONU Mulheres. Comunicação é decisiva para proteção de defensoras e defensores ambientais e na promoção da justiça ambiental. 4 jun. 2021. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/comunicacao-e-decisiva-para-protecao-de-defensoras-e-defensores-ambientais-e-na-promocao-da-justica-ambiental/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MATOS, Pedro Andrade; GARCIA, Gisela Andrea Ferreira; SANTOS, Mirtes Aparecida dos. O papel do gênero na mitigação e adaptação às mudanças climáticas em Cabo Verde. *Veredas do Direito*, v. 20, e202536, 2023.

KASSOVA, Luba. The muted voices of women in climate news coverage. *International Journalists' Network*, 3 nov. 2022. Disponível em: <https://ijn.net.org/en/resource/muted-voices-women-climate-news-coverage>. Acesso em: 1 ago. 2025.

GMMP. Who makes the news?. *Beginnings: GMMP 1995*. Disponível em: <https://whomakesthenews.org/gmmp-background/>. Acesso em: 01 ago. 2025.

EBRAHIM, Zofeen. *Missing in Action: Experiences of women with climate journalism*. Oxford: Oxfam, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21201/2021.7154>. ISBN 978-1-78748-715-4.

NORONHA, Elizângela Costa de Carvalho; LAGO, Cláudia; TERENCEZZO, Kareen Regina (Orgs.). *Gênero na mídia: o GMMP Brasil*. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2023. eBook Kindle. ASIN B0CL7VWXG5.

IPCC, 2023: Sections. In: *Climate Change 2023: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [Core Writing Team, H. Lee and J. Romero (eds.)]. IPCC, Geneva, Switzerland, pp. 35-115.